
UM NOVO CONCEITO NO CAMPO

Rui Polidoro Pinto (*)

Em que pesem os sobressaltos vividos novamente este ano pela política e economia do país, podemos afirmar com segurança que 1992 foi um ano fértil para nossa agricultura.

De um lado, podemos comemorar com justificada euforia a retomada, pelo Rio Grande, de sua histórica condição de celeiro nacional, com seus 16 milhões de toneladas de grãos, obtidos em duas excepcionais safras anuais. É um feito notável neste momento tão difícil da economia nacional; mérito deste exército anônimo formado por um milhão de pessoas no campo, trabalhando de sol a sol sem esmorecer ante revezes da natureza e de políticas nefastas. Mérito também, sem dúvida, de técnicos e pesquisadores, que se esforçam pelo aumento da produtividade e da competitividade tão necessária para que nossa agricultura possa enfrentar os desafios do mercado internacional.

Mas há outro motivo para comemorar. Ainda tenra e um tanto frágil, começa a germinar uma nova planta que poderá tornar ainda mais poderosa a agricultura brasileira, fazendo-a cumprir com maior competência e eficácia seu relevante papel social, ainda tão pouco explorado. Esta planta ganha espaço notadamente no principal eixo agrícola brasileiro, o Sul e o Sudeste, onde vem sendo estimulada e expandida. É uma planta imaginária, mas que deverá render grandes safras. Trata-se deste novo conceito que está se instalando no setor produtivo: o conceito de "cadeia alimentar", que vê o todo e não apenas uma parte e que, vendo o todo, percebe que as vantagens auferidas por este ou aquele segmento serão tanto maiores quanto mais intensa for a integração entre o conjunto.

Parece difícil sentarem à mesma mesa setores tão diversos como fabricantes de insumos, produtores, industriais do ramo ali-

mentício e comerciantes – transformados em "inimigos" pela noção capitalista que aguça o apetite do lucro. E parece prudente que o produtor, pressionado por ser a parte mais frágil da corrente, fique longe daqueles que costumam abocanhar a fatia do leão. Mas não é impossível, nem interessa mais continuar o jogo de vilão e vítima.

Com certeza, cada segmento econômico continuará legitimamente defendendo suas posições, mas terá que ouvir uma voz mais alta que se levanta no complexo agroindustrial brasileiro: a necessidade de parcerias, de integrações, de lutar pelo crescimento do conjunto formado por tudo aquilo que vem antes e depois da porteira da fazenda. E sobretudo de cuidar do elo mais fraco e, paradoxalmente, mais importante da cadeia: o produtor, aquele que com seu trabalho utiliza os fatores de produção para transformar zero em milhares, milhões de toneladas, de cruzeiros, de dólares – aquele que produz a riqueza.

Precisamos aprender com os outros países. Na França, no Japão, na Alemanha, nos Estados Unidos, não são só os agentes econômicos que atuam no e com o setor primário que protegem sua agricultura como fator de segurança nacional. Os próprios consumidores, a sociedade participa deste pacto, ao observar que o campo é fator de estabilidade das cidades, porque fixa o homem à terra e gera empregos.

As boas safras deste ano – a que veio da terra e a que surge das idéias – constituem um bom indicio para os próximos tempos. Em 1993, vamos repetir a dose?

(*) Presidente da FECOTRIGO.